



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

CÍCERO BEZERRA DA SILVA NETO

**OS SILÊNCIOS DE FABIANO E AS FORMAS (IN)COMPREENSÍVEIS DO
SUJEITO EM “VIDAS SECAS”, DE GRACILIANO RAMOS**

**GUARABIRA - PB
2018**

CÍCERO BEZERRA DA SILVA NETO

**OS SILÊNCIOS DE FABIANO E AS FORMAS (IN)COMPREENSÍVEIS DO
SUJEITO EM “VIDAS SECAS”, DE GRACILIANO RAMOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Coordenação do Curso de Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciado em Letras.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Fernandes

**GUARABIRA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

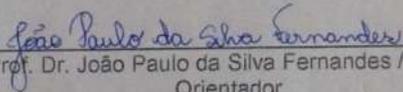
S586s Silva Neto, Cicero Bezerra da.
Os silêncios de Fabiano e as formas (IN)compreendidas do sujeito em "Vidas Secas", de Graciliano Ramos [manuscrito] / Cicero Bezerra da Silva Neto. - 2018.
23 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Graciliano Ramos. 2. Análise literária. 3. Retirantes nordestinos. 4. Nordeste. 5. Identidade cultural. I. Título
21. ed. CDD 801

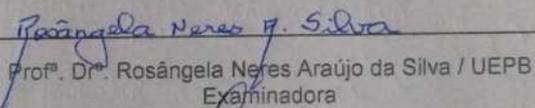
CÍCERO BEZERRA DA SILVA NETO

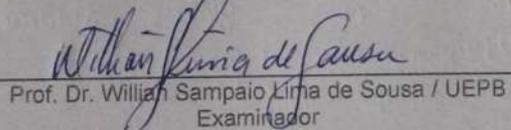
OS SILÊNCIOS DE FABIANO E AS FORMAS (IN)COMPREENSÍVEIS DO SUJEITO
EM "VIDAS SECAS", DE GRACILIANO RAMOS

Aprovada em: 20/11/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes / UEPB
Orientador


Prof. Dr. Rosângela Neres Araújo da Silva / UEPB
Examinadora


Prof. Dr. William Sampaio Lima de Sousa / UEPB
Examinador

A minha mãe Abenice, guerreira, que esteve sempre batalhando e se doando para proporcionar uma melhor condição de vida para mim, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Abenice, que sempre batalhou para conseguir proporcionar a melhor vida possível para mim e minhas irmãs, e se não fosse por ela, talvez, eu não estivesse onde estou;

A toda minha família a qual sempre acreditou em mim e no meu potencial, sempre me incentivando para que eu conseguisse conquistar meus objetivos;

Ao meu professor e orientador Dr. João Paulo Fernandes, o qual, além de contribuir na minha formação acadêmica, auxiliou-me com suportes para a produção deste artigo;

Aos meus professores da UEPB que colaboraram na minha formação acadêmica e no meu desenvolvimento enquanto cidadão com senso crítico;

Aos meus amigos e companheiros de UEPB Jeandson e Luciélio, que ajudaram e conviveram comigo durante todo o curso;

Ao meu amigo Wellington Ramalho, "In Memoriam", que me ajudou a entender o real sentido da palavra persistência para conseguir vencer os desafios que a vida nos oferece.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário - e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde. (RAMOS, 2004, p. 10).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 GRACILIANO RAMOS: VIDA E OBRA	10
3 OS SILÊNCIOS DE FABIANO	14
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	25

OS SILÊNCIOS DE FABIANO E AS FORMAS (IN)COMPREENSÍVEIS DO SUJEITO EM “VIDAS SECAS”, DE GRACILIANO RAMOS

Cícero Bezerra da Silva Neto

RESUMO

O presente trabalho analisa o romance *Vidas Secas*, do autor Graciliano Ramos, e busca refletir sobre o personagem Fabiano, o qual se insere em contextos sociais de retirantes nordestinos expostos à desigualdade social e opressão, que são excluídos por não conseguirem se encaixar na sociedade retratada. Visto isso, foi feita a análise sobre fatores que contribuem para a formação de Fabiano enquanto sujeito que busca uma identidade. As questões ditas serão, metodologicamente, estruturadas entre a leitura crítico-interpretativa da obra com os textos teórico-críticos de autores como Lins (2004), Tacca (1983), Hall (2006), entre de outros. Nessa perspectiva, buscamos adicionar às discussões acadêmicas nosso ponto de vista sobre o personagem que é conduzido no mundo criado por Graciliano Ramos.

Palavras-chave: Graciliano Ramos. Fabiano. Identidade. Silêncio.

1 INTRODUÇÃO

O romance *Vidas Secas* (1938), do escritor alagoano Graciliano Ramos, apresenta a história de uma família de retirantes que caminha no sertão do nordeste brasileiro em busca de moradia e trabalho para seu sustento. Nesse contexto, é abordada uma temática bastante enfática no tocante da desigualdade social e drama familiar.

A forma como essas pessoas da história são empurradas à margem remete a acontecimentos atuais que não se dissolvem facilmente com o decorrer do tempo. A injustiça, desigualdade socioeconômica e exploração do ser humano se justificam como fatores importantes para desconstrução do sujeito sociável.

O livro convida o leitor a conhecer um cenário com grande teor de verossimilhança, junto àquele grupo de pessoas marginalizadas. Dentre elas, nosso olhar se volta para Fabiano, explorando algumas características físicas e psicológicas enquanto personagem, como esse sujeito busca a integração social no meio onde habita, abordando os seus silêncios e isolamento social, e como esses aspectos contribuem no processo de construção de identidade do personagem.

A escolha da proposta analisada partiu de uma apresentação de seminário sobre o livro, a qual instigou a curiosidade de como as pessoas podem ser moldadas pelo meio social e cultural, e, assim, serem incapacitadas de exercerem seus direitos de cidadania. E, além disso, o aspecto atemporal que essas imposições exercem em grande parte da sociedade atual, ou seja, embora a obra retrate características da década de 30, hoje, mais de 80 anos depois, os fatos responsáveis pelos deslocamentos das pessoas continuam sendo os mesmos.

Visto isso, vale ressaltar a importância do tema em meio a tantas formas de injustiça na sociedade vigente, na qual muitas vezes esses problemas são ofuscados aos olhares displicentes. Com isso, Fabiano e família são apresentados como uma crítica para expor outro lado da sociedade, no intuito de levar os leitores a terem um choque de realidade.

Metodologicamente, continuamos com a leitura de *Vidas Secas*, na qual notamos assuntos bastante relevantes no âmbito da ficção literária, tratando de assuntos sensíveis acerca da sociedade moderna. A obra faz parte da segunda fase do Modernismo brasileiro, que tinha como uma das características a temática do Regionalismo, que traduz, através dos personagens e sua relação com meio onde residem, peculiaridades de cada região do Brasil, e que se destacava, além de Graciliano Ramos, autores como Jorge Amado, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Érico Veríssimo.

Na composição deste trabalho, iniciamos a partir de embasamentos teóricos, que fundamentam criticamente nossas pesquisas vinculadas à obra estudada. Além de ressaltarmos algumas contribuições críticas que corroboram com nosso pensamento crítico acerca do autor e obra. Por fim, expomos nossas considerações finais, reiterando as inquietações ao longo do trabalho que transformam a leitura do romance em instrumento de criticidade.

2 GRACILIANO RAMOS: VIDA E OBRA

Graciliano Ramos (1892–1953) escreveu romances como *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936), *Memória do cárcere* (1953) e *Vidas secas* (1938), esta última considerada a sua principal obra, a qual nos mostra o drama de uma família de retirantes que caminham no sertão nordestino à procura de se alojar em um local habitável devido à necessidade de escapar da seca. Essa busca acontece

ciclicamente. A obra é produzida em meio à ditadura militar do governo de Getúlio Vargas e envolve atributos da segunda fase do Modernismo. Expressa um caráter regionalista, abordando temas como: a opressão governamental, miséria e injustiça.

A história é contada por um narrador onisciente, fato simbólico para esse livro, visto que é a primeira vez que o autor utiliza tal recurso, a fim de garantir a veracidade dos fatos da obra, pois, segundo Tacca (1983, p. 71) “No romance [...] a subjetividade do narrador só tem como garantia a verossimilhança”. O narrador relata a vida de uma família que vaga pelo sertão em busca de condições de sobrevivência, devido à dolorosa condição imposta pela longa estiagem.

O título do livro, *Vidas Secas*, nos leva a um paradoxo, partindo de uma ideia na qual “Vidas” pode ser expressa no seu sentido literal e “Secas” representa a ausência da própria vida. E pensando em “Secas” como ausências, dentro da narrativa, também é possível fazer referência às ausências de justiça, identidade social, igualdade socioeconômica, esperança, além de outros aspectos que são possíveis observar ao longo narrativa. Esses aspectos transmitem o estilo ficcional das obras de Graciliano Ramos, ao qual Lins (2004, p. 137) define como “um mundo sem amor e sem alegria”.

O enredo se divide em 13 capítulos, aparentemente independentes, porém, a um olhar mais atento, percebe-se certa conexão entre as partes. Não fica explícito a duração temporal exata dos acontecimentos, sendo marca do autor a abstração do tempo em suas obras, porém todo o enredo acontece durante o período entre um ciclo de duas grandes secas.

A história tem início com o capítulo “Mudança”, no qual o narrador apresenta os personagens e sua angustiante realidade, além de mostrar o espaço onde ocorrem as ações de forma extremamente fiel à realidade. A família é composta por *Fabiano*, *Sinha Vitória*, *menino mais velho*, *menino mais novo*, a cachorrinha *Baleia* e, até então, por um papagaio, que ainda no primeiro momento da narrativa, em situação de grande fome, é servido como refeição para a família.

O romance relata a vida de uma família de retirantes que procura por abrigo, periodicamente, devido a grande estiagem que se alastra, trazendo falta d'água, fome e demais pragas provenientes do clima seco aos mais desfavorecidos. Essa mudança cíclica é notada no primeiro capítulo, “Mudança”, e no último, “Fuga”.

No primeiro capítulo, o narrador descreve enfaticamente o espaço sertanejo e como era devastador para aqueles habitantes lidar com todos os males advindos da

estiagem. Graciliano tenta levar o leitor o mais próximo possível àquele cenário narrado, caracterizando-o de modo torturante. Contudo, de acordo com Lins (2004, p. 130) “ele exprime o ambiente com fidelidade, mas somente em função de seus personagens. A ambiência é um acidente; o personagem é que a vida romanesca”.

Dessa maneira, por mais importante que o espaço seja, Graciliano o tem como um meio para acentuar as características físicas e psicológicas dos personagens, além de aumentar o tom dramático¹ da história. O autor adjetiva o espaço intercalando com as sensações causadas nos personagens: “Na planície avermelhada [...]” (RAMOS, 2004, p.9), “Os infelizes caminhavam o dia inteiro [...]” (RAMOS, 2004, p.9), “A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso de manchas brancas que eram ossadas” (RAMOS, 2004, p.9). Esse modo de caracterização aparece ao longo de todo romance como tentativa de fazer os leitores sentirem, de maneira parecida, o impacto físico que atinge os personagens.

Em seguida, a narrativa se volta, principalmente, para os personagens. Para cada integrante da família há um capítulo específico, intitulado com o seu nome: “Fabiano”, “Sinha Vitória”, “Menino mais velho”, “Menino mais novo” e “Baleia”. A partir daí, é possível ver, sob a ótica de cada personagem, suas aspirações, a relação com a família, sua visão e seus sentimentos, que são influenciados pela vida que possuíam. Desse modo, torna-se mais compreensível as motivações e o íntimo de cada personagem, destacando individualmente suas angústias, desejos e seus silêncios.

No capítulo “Fabiano” é narrado um pouco da história do chefe da família, explicitando suas características físicas e psicológicas. É possível ver a figura de Fabiano ligada a peculiaridades mais animais do que humanas. Em alguns momentos, essas características são atribuídas também a toda família: “Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos” (RAMOS, 2004, p. 18). Um dos pontos marcantes do personagem é a dificuldade que ele tem em se comunicar verbalmente tanto com as pessoas da sua família quanto com todas as pessoas daquele mundo em que está inserido. Fabiano também demonstrava dificuldade na educação dos filhos e, em alguns momentos, tinha discussões com Sinha Vitória, pois não conseguia realizar todas as vontades da mulher.

¹ Ver mais em: BOSI, Alfredo. “A interpretação da obra literária”. In: _____. Céu, inferno. São Paulo: Editora 34, 2003. (p. 278-280).

Fabiano tinha uma grande admiração por Seu Tomás da bolandeira, um senhor estudado, que vivia lendo jornais e falava palavras difíceis. No entanto, ele contradizia que tanto conhecimento não o podia livrar dos malefícios daquele clima árido e da vida sofrida. Tal contradição adivinha como explicação para ofuscar a incapacidade intelectual que ele acreditava possuir, além de enfatizar sua inferioridade acerca de pessoas aceitas pelos moldes sociais. Ser um sujeito letrado não o livraria da seca, mas contribuiria com a sua formação enquanto sujeito social e extinguiria uma das inquietações da vida do personagem.

Alguns capítulos se inserem entre os outros destinados ao restante dos membros da família: “Cadeia”, “Inverno” e “Festa”, os quais aludem às ações da narrativa, esses três são muito importantes para mostrar que as dificuldades nem sempre estavam atreladas apenas ao clima seco. Neles são relatadas as dificuldades de interação, aceitação e a adaptação aos padrões sociais, e como o inverno pode ser tão cruel quanto à estiagem para aqueles pobres.

Graciliano Ramos foi um dos grandes escritores da segunda fase do modernismo brasileiro, que teve início na década de 1930 e se estendeu até 1945, sendo um dos representantes da famosa “Geração de 30”. Ele foi um dos propulsores do estilo literário que enaltecia o regionalismo como uma das grandes características temáticas. Junto com autores como: José Lins do Rego (1901-1957), Érico Veríssimo (1905-1975), Raquel de Queiroz (1910-2003) e Jorge Amado (1912-2001), desenvolveram narrativas que envolviam o regionalismo e o nacionalismo brasileiro.

Neste período, Graciliano foi um dos mais importantes escritores brasileiros, defendia a liberdade de escrita literária e quebrava o paradigma de utilização da linguagem rebuscada:

A prosa do Sr. Graciliano Ramos é moderna, no seu aspecto desnudado, no vocábulo, no gosto das palavras e das construções sintáticas, e é clássica pela correção, pelo tom como que hierático das frases. O que a valorizava propriamente não é a beleza, no sentido hedonístico da palavra, mas a sua precisão, a sua capacidade de transmitir sensações e impressões com um mínimo de metáforas e imagens, quase só com o jogo e o atrito de vocábulos, principalmente de adjetivos. (LINS, 2004, p. 142).

Ele fugia do tradicionalismo literário e valorizava uma linguagem mais próxima a grande massa popular, no entanto suas obras apresentam uma destreza impressionante na escrita, mostrando toda sua genialidade, uma vez que não se

fazia necessário o uso de palavras e construções sintáticas rebuscadas para expressar de forma sucinta e clara sua crítica social por meio da literatura.

3 OS SILÊNCIOS DE FABIANO

A palavra silêncio, no dicionário Aurélio, é definida como “Estado de quem se cala ou privação de falar”, “Interrupção de ruído”.

Segundo esse conceito, o silêncio pode ser representado fisicamente pelo dedo indicador em frete aos lábios da boca fechados, fazendo referência ao impedimento da verbalização. A personificação do conceito dicionarizado remete ao ato real, de como é visto pelo senso comum. Entretanto sua forma também pode ser expressa através do ato simbólico, da forma subjetiva.

Segundo Orlandi (1997) o silêncio não fala, significa. É possível entender o seu sentido pela observação do discurso, uma vez que é impossível traduzi-lo em palavras.

Para Orlandi é preciso tomar para si que “(...) o silêncio não fala. O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é.” (ORLANDI, 1997, p. 33). Ou seja, ele está lá, não pode ser visualizado, sendo impossível transforma-lo em palavras. E apesar de não poder ser visto na forma verbal, não quer dizer que não tenha significado, contrário a isso, ele expande o seu simbolismo.

Em *Vidas Secas* o silêncio não é propriamente a ausência de sons, entretanto é visto como “um prelúdio de abertura de revelação [...] o silêncio abre uma passagem” (CHEVALIER, 2003, p. 833-834), para revelar o interior de cada personagem, e a partir dele é possível ver além de onde o sol escaldante do sertão pode correr.

Quando a revelação do silêncio surge na obra como um sentimento sufocante, a linguagem é bloqueada, o que faz gerar a incomunicação dos personagens. Com isso, faz-se necessário a utilização do discurso do narrador para expressar a voz censurada de Fabiano e família.

De acordo com Tacca (1983, p. 63) “todo romance, em última análise, não é mais do que um jogo de informação”. Em *Vidas Secas* essas informações são narradas através da visão de um narrador onisciente, o qual não está inserido nos acontecimentos narrados e tem a função de contar os fatos. Essa atribuição do narrador é destacada por Tacca a seguir:

Aquele que conta (aquele que traz informação sobre a história que se narra) é sempre o narrador. A sua função é informar. Não lhe é permitida a falsidade, nem a dúvida, nem a interrogação nesta informação. Apenas varia (apenas lhe é concedida) a quantidade de informação. Qualquer pergunta, ainda que surja indistinta no fio do relato, não corresponde, em rigor, ao narrador. Bem vistas as coisas, pode sempre atribuir ao autor, ao personagem ou ao leitor. (TACCA, 1983, p. 64)

Quando o narrador foge dessas características, deixando de lado a imparcialidade, aparecem as chamadas intrusões do autor no texto. Ou seja, o autor expõe sutilmente sua marca, interrogação ou afirmação, acerca de determinado elemento ou personagem da obra através da voz do narrador. Podemos ver um exemplo dessa característica psicológica do autor, em *Vidas Secas*, no seguinte trecho:

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. (RAMOS, 2004, p. 19).

Fica exposto que o narrador toma para si o ponto de vista e a percepção sobre Fabiano, principalmente se olharmos para o fragmento que diz “Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas”. Dessa forma, entende-se que o narrador e o autor não são a mesma pessoa, entretanto o segundo pode adicionar alguns de seus traços de personalidade sobre o primeiro.

Além dessa complexidade que ocorre na distinção entre o narrador e o autor dentro do romance, pode-se tornar difícil a diferenciação, quando há coincidência, entre o narrador e o personagem. A partir desse ponto de vista é imprescindível que permaneça inviolada a face do narrador, pois enquanto o personagem tem o papel de falar e manter relação com sua própria personalidade, quem narra mantém a modulação da realização do discurso.

Graciliano Ramos utiliza, na construção da estrutura da narrativa, variados tipos de discurso, como o direto, indireto e o indireto livre, o qual o segundo predomina ao longo do romance, uma vez que nessa categoria a voz do narrador se sobressai sendo o emissor do relato. O discurso direto, que é quando o personagem se expressa sem a participação do narrador, aparece reduzidamente em *Vidas Secas*, sendo mais uma forma de enfatizar a proposta de mostrar, pelo autor, a

dificuldade de verbalização que os personagens possuem. A seguir, podemos exemplificar o uso do discurso direto e indireto no seguinte trecho:

Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, esgaravatou as unhas sujas. Tirou do aio um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado.
- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. (RAMOS, 2004, p. 18)

O discurso indireto livre também aparece na obra quando as vozes do narrador e personagem se intercalam pela falta de hifens ou aspas, deixando esses dois elementos o mais próximo possível, no entanto sem que a voz seja alternada para o personagem. Nessa categoria, a voz do narrador perde força e fica a impressão de que estamos escutando os personagens. Graciliano utilizou muito esse tipo de discurso nessa obra por causa da dificuldade de interação verbal entre os personagens, assim o narrador se apropria do pensamento dos próprios personagens e os expõem com mais facilidade:

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele demão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria! (RAMOS, 2004, p. 93)

E é a partir dessa percepção, de que acontece uma ausência de interatividade entre os personagens, que se torna possível discorrer sobre alguns dos motivos que levam a dificuldade da comunicação verbal de Fabiano, e como essa problemática influencia na construção de identidade do personagem.

Identidade esta que precisaremos defini-la a partir dos estudos de autores como Antônio da Costa Ciampa e Stuart Hall, os quais discorrem sobre a conceituação desse termo.

Para Ciampa (1984), identidade não é algo estático, acrônico, contrário a isso, está em constante movimento ao longo do tempo. "Identidade é movimento, é desenvolvimento concreto. Identidade é metamorfose" (CIAMPA, 1984, p. 74). Para ele, identidade se constrói na e pela atividade. Esse autor ainda relata que identidade é igualdade e diferença, uma vez que existem pontos que nos tornam diferentes e outros que nos igualam. Podemos exemplificar esse ponto de vista com

o nome próprio, sendo mais específico, os sobrenomes das pessoas as igualam às outras pessoas da família, no entanto são diferenciadas pelo primeiro nome.

Vidas Secas aborda essa falta de identidade nos personagens, nesta perspectiva, visto que nem todos têm nomes ou sobrenomes. Fabiano e Sinhá Vitória só possuem o primeiro nome, referenciando-os, assim, que não possuem igualdade com outras pessoas, enfatizando suas diferenças. Os filhos do casal, por sua vez, não são denominados de forma alguma, não possuem nomes ou sobrenomes, são reportados apenas por suas idades, dessa forma, tornam-se praticamente indigentes.

Hall (2006) concebe identidade em três diferentes pontos de vistas em relação ao sujeito ao longo do tempo. A primeira definição é nomeada *identidade do sujeito do Iluminismo*, nesse caso o sujeito é visto a partir de uma visão individualista, o qual está no centro provido pela capacidade da razão. A segunda, denominada *identidade do sujeito sociológico*, o sujeito deixa de ser autônomo, uma vez que passa a interagir com a sociedade, formando-se pela relação com os outros. E a terceira, *identidade do sujeito pós-moderno*, o sujeito não possui um identidade inerte, obrigatória ou invariável, entretanto está em processo de metamorfose, adquirindo influência dos meios culturais que faz parte, nesse sentido, o sujeito exibe variadas identidades em diferentes momentos.

Ainda, segundo Hall:

A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente. (HALL, 2006, p. 12-13)

De acordo com esses autores, identidade não é algo pré-definido, imutável e atemporal, ela se molda de acordo com a interação social e cultural, com as experiências adquiridas ao longo do tempo pelo indivíduo.

No capítulo "Fabiano" são expostas muitas das características físicas e psicológicas de Fabiano, e são através dessas exposições que vamos analisar o seu perfil e expor sobre o processo de transição de identidade que o personagem vem passando ao longo de sua vida.

Fabiano, enquanto sujeito, sofre o que Hall (2006) chama de *crise de identidade*, que se dá a partir de transformações que vem alterando as identidades dos indivíduos e "Esta perda de sentido de si estável é chamada, algumas vezes, de

duplo deslocamento ou descentração do sujeito” (HALL, 2006, p. 9). Tais deslocamentos resultam de um processo de descentralização do sujeito tanto de si próprio quanto do meio social e cultural os quais habita. Tudo isso porque, segundo o autor, as circunstâncias da sociedade moderna vêm “fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”. (HALL, 2006, p. 9).

Disto isso, Fabiano tinha dificuldade para assumir a sua própria incompletude, muitas vezes ele dizia e contradizia ser algo ou alguém. Tal indefinição era resultado da fragmentação causada pela sociedade. No livro, Fabiano exclama em voz alta para si mesmo: “- Fabiano, você é um homem.” (RAMOS, 2004, p. 18). No entanto: “Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só”. (RAMOS, 2004, p. 18). Logo após, por meio da voz do narrador, ele volta atrás com seu pensamento: “E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros”. (RAMOS, 2004, p. 18). Esse entrave psicológico entre a definição do seu “ser” partia da insegurança de perceber o conjunto de elementos sociais que o subjagam e a dificuldade linguística para nomear as coisas que o rodeiam, como relata Pacheco:

Fabiano busca a si mesmo refletindo sobre seu estado material, sobre sua dignidade de homem. A falta de nome para muita coisa que o cerca e os entraves do pensamento dão a medida do esforço e da dificuldade de perceber os mecanismos sociais que o subjagam. Dão também a medida do esforço e da impossibilidade de constituir-se como sujeito – em tais condições, dizer “eu” é uma ousadia a ser imediatamente emendada: “Fabiano, você é um bicho”. (PACHECO, 2007, p. 230)

As atribuições profissionais e as condições de vida que Fabiano possuía eram impulsionadas pela sociedade para ditar uma identidade. Há aqui uma referência ao preconceito racial de tempos passados, mostrando que além da questão racial, a socioeconômica também influencia na construção de identidade na sociedade, quando diz: “Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.” (RAMOS, 2004, p. 18). Apesar de ter características físicas europeias, por ser pobre, nos tempos atuais, era atribuído a ele o estereótipo de animal, remetendo ao período da escravatura onde os brancos eram considerados homens e os negros, bichos.

A figura de Fabiano aparece no romance de forma castigada, sendo essa particularidade atribuída, em partes, pelo clima seco que suga toda humanidade dos personagens humanos da narrativa, sendo forçados a se adaptarem ao meio para sobreviver. Consequência dessa ótica é “[...] a criação em sentido pleno, como se o narrador fosse, não um intérprete mimético, mas alguém que institui a humanidade de seres que a sociedade põe à margem, empurrando-os para as fronteiras da animalidade”. (CANDIDO, 1992, p. 106).

Graciliano Ramos enfatiza a ligação de Fabiano com os animais, tanto na facilidade interacional entre eles quanto na fisiologia, em variados trechos da obra, como esses: “Chape-chape. As alpercatas batiam no chão rachado. O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco.” (RAMOS, 2004, p. 19), “Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais.” (RAMOS, 2004, p. 19). Aparentemente, Fabiano tem vergonha de se considerar homem, ou até mesmo desejar sê-lo. Assim, a figura de animal ligada a Fabiano é uma forma de o autor ressaltar o afastamento do personagem da sociedade tanto no aspecto socioeconômico e racional quanto no físico e psicológico.

Após a chegada da chuva, depois que a família já está instalada na fazenda, o dono das terras aparece e vê a necessidade de expulsar os invasores. No entanto, Fabiano oferece seus serviços em troca de moradia e tem seu pedido aceito pelo fazendeiro.

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mascrara raízes, estava plantado. Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, Sinha Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados a terra. (RAMOS, 2004, p. 19).

Fabiano ganhara uma profissão e, desse modo, teria um ponto de partida para construção de identidade a partir dela. Deixaria de ser bicho e começaria uma nova vida na fazenda. E, mais uma vez, o agora vaqueiro tem outra crise de identidade. Fabiano sabia que, como as chuvas, aquela situação era temporária e com o tempo ele e sua família voltariam a vagar pelo sertão mais uma vez como bichos. Desse modo, com esse afastamento da cidade, a identidade que acabara de ser conseguida se esvaía e Fabiano junto com a família voltariam a ser invisíveis para a sociedade mais uma vez.

Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hospede. Sim senhor, hospede que demorava demais, tomava amizade a casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite. (RAMOS, 2004, p. 19)

Fica evidente uma divergência de identidade no indivíduo em relação às configurações existenciais, nesse caso, nem o próprio Fabiano acredita na ilusão de conseguir transcender àquele estado animalesco. Stuart Hall relata sobre esses conflitos quando diz que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. (HALL, 2006, p. 13). Os meios culturais e sociais são responsáveis por esses deslocamentos de identificações, fazendo com que a identidade do sujeito permaneça em processo de metamorfose, dificultando, assim, o reconhecimento pessoal do sujeito.

O isolamento que Fabiano mantinha dos homens e o pouco conhecimento linguístico contribuíam para que a construção de sua identidade voltasse mais para o lado pouco civilizado, adquirindo algumas de suas características comportamentais, físicas e até na comunicação verbal.

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a queimadura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos - exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. (RAMOS, 2004, p. 19-20)

As características selvagens tornaram parte do sujeito até o ponto que, em algumas situações, tais atribuições se sobressaiam em relação à interação humana. A participação de Fabiano no meio silvestre o afastava da humanidade. Quando surgia a necessidade do sertanejo se relacionar com as pessoas, principalmente, através da verbalização, era ressaltado o afastamento que ele tinha da sociedade. Fica exposta essa distância na sua tentativa de diálogo diante do soldado amarelo: “Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira: - Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc. É conforme”. (RAMOS, 2004, p.27).

Entretanto, embora Fabiano não tivesse desenvoltura na comunicação verbal, ele admirava as palavras utilizadas pelas pessoas da cidade. Em alguns trechos da narrativa, esse fascínio pelas palavras é expresso pelo narrador, quando relata que Fabiano “Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas”. (RAMOS, 2004, p. 20).

Graciliano Ramos atribui o termo sertanejo a Fabiano para representar um povo que possui grande representação da nacionalidade brasileira, uma vez que eles aparecem sem tanta influência estrangeira, destacando características puras relacionadas à região onde habitam no Brasil.

Levando em consideração a incomunicação de Fabiano, no capítulo “Cadeia”, no qual esse personagem é preso pelo soldado amarelo após um jogo de cartas, essa falta de expressão verbal é vista pelo próprio como o motivo dele permanecer preso:

Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo. Desentupia o bebedouro, consertava as cercas, curava os animais - aproveitara um casco de fazenda sem valor. Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa? (RAMOS, 2004, p. 35-36)

O fato de não ter frequentado uma escola contribui para o silêncio de Fabiano diante da injustiça, imposta pelo governo, retratada criticamente no romance: “Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares” (RAMOS, 2004, p. 36). Enquanto a defesa dos direitos sociais de Fabiano poderia acontecer através da linguagem verbal, no entanto a ausência das palavras do personagem criava uma barreira para que isso acontecesse. A partir do momento que não se consegue exercer sua cidadania, o indivíduo se distancia de sua identidade e aos poucos vai ficando invisível naquele meio, justamente o acontece com Fabiano quando vai à cidade.

Preocupado com o futuro dos seus filhos, e tendo a experiência de ter vivido a consequência da falta de escolaridade, Fabiano começa a pensar em proporcionar um futuro diferente aos meninos, para que não fossem subjugados pela sociedade em virtude de reproduzir o comportamento do pai. Para isso, o vaqueiro precisava

da ajuda de Sinha Vitória, ao mesmo tempo em que a absorvia da culpa por não está conseguindo conceder a educação necessária aos pequenos.

A preocupação de Fabiano com os filhos mostra que ainda há resquícios de características humanas no personagem, levando o leitor a ter esperança de uma condição de vida diferente para a família, esperança essa que em nenhum momento se materializa.

A dificuldade de interação verbal é um dos fatores que silencia Fabiano diante da sociedade, paralelamente torna-se uma utopia para a vida dele aprender a se comunicar como as outras pessoas. Fabiano admirava Seu Tomás da bolandeira pelo fato do senhor ser letrado e se expressar bem em qualquer situação. Esse encanto fica exposto no seguinte fragmento:

Certamente aquela sabedoria inspirava respeito. Quando seu Tomas da bolandeira passava, amarelo, sisudo, corcunda, montado num cavalo cego, pé aqui, pé acola, Fabiano e outros semelhantes descobriam-se. E seu Tomás respondia tocando na beira do chapéu de palha, virava-se para um lado e para outro, abrindo muito as pernas calcadas em botas pretas com remendos vermelhos. (RAMOS, 2004, p. 22)

Apesar de ter consciência de sua ignorância, Fabiano desejava falar como seu Tomás da bolandeira: “Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, o convencia-se de que melhorava” (RAMOS, 2004, p. 22), contudo se sentia incapaz de realizar tal proeza: “Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo” (RAMOS, 2004, p 22).

Na construção de identidade que Fabiano deseja era preciso desenvolver habilidades que não possuía, como o desenvolvimento da fala. A verbalização tinha papel fundamental para essa transição psicológica do personagem, influenciando diretamente na identidade de Fabiano. Apesar disso, ele não era um completo ignorante, tinha qualidades nas funções braçais e no cuidado dos animais da fazenda, entretanto para se transformar em um sujeito social, de acordo com o padrão vigente, era preciso adquirir características sociais e culturais a partir do convívio com as outras pessoas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas vozes são silenciadas na sociedade de maneira que não são notadas pelas pessoas. *Vidas Secas* aborda como esse silêncio pode acontecer em um sujeito, através do personagem Fabiano, que se cala diante de fatores como fome, opressão e falta de escolarização. Esses pontos estão presentes ao longo de toda obra e contribui no processo de formação de identidade do sertanejo.

Notou-se que, apesar de Fabiano saber interagir com os bichos e com sua família através de monólogos e gestos, era preciso de mais desenvoltura para conversar com pessoas mais entendidas e de um escalão maior que o dele, e, a partir daí, desenvolver uma identidade como um sujeito sociável de acordo com os padrões da sociedade que buscava se inserir.

É perceptível como a sociedade castiga alguns sujeitos que permanecem em silêncio e não conseguem interagir nos moldes considerados adequados, assim como Fabiano, excluindo-os de maneira que fiquem cada vez mais invisíveis à vista das demais pessoas.

Nessa perspectiva, entende-se que na busca por uma identidade e ser um sujeito social, é necessário saber se defender por meio da comunicação verbal e exercer os seus direitos como cidadão, coisa que Fabiano não sabia.

Isso se justifica seguindo a ideia de que o fato de aprendermos a nos comunicar desde pequenos não quer dizer que todos são hábeis para se comunicar em todas as ocasiões. Em alguns casos precisamos de diferentes maneiras de interações, que vai variar de acordo com cada contexto comunicativo.

Ainda vale ressaltar que o autor faz uso do narrador em terceira pessoa a fim de tornar os aspectos narrados mais verossímeis, além de misturar, em alguns momentos, os discursos do narrador e personagens. Com esse modo discursivo, o autor enfatiza a inabilidade dos personagens em se comunicar por meio da fala.

Diante do exposto sobre a obra *Vidas Secas*, foi de grande relevância a produção deste artigo, uma vez que, além de ser um romance com grande valor estético literário para ser estudado, aborda uma temática muito importante no aspecto social de um povo muitas vezes ignorado pela maioria das pessoas.

ABSTRACT

This work analyzes the novel "*Vidas Secas*", by the author Graciliano Ramos, and reflects about the character Fabiano, which is inserted in social contexts of northeast migrants exposed to social inequality and oppression, that are excluded because

they can not fit in the society portrayed. Then, the analysis was made about factors that contribute to the Fabiano's formation as a man seeking an identity. The questions will be, methodologically, structured between the critical-interpretative reading of the work with the theoretical-critical texts of authors such as Lins (2004), Tacca (1983), Hall (2006), among others. In this perspective, we seek to add to the academic discussions our point of view about the character which is conducted in the world created by Graciliano Ramos.

Keywords: Graciliano Ramos. Fabiano. Identity. Silence.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. A interpretação da obra literária. In: _____. **Céu, inferno**. São Paulo: Editora 34, 2003. (p. 278-280).
- CANDIDO, A. **Ficção e confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. São Paulo: Editora 34, 1992.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 18ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Silêncio. In: **Dicionário Aurélio básico de Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1995.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- _____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 103-133.
- LINS, Álvaro. Jornal de Crítica. In: RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. – 93ª ed. – Rio, São Paulo: Record, 2004.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. São Paulo: UNICAMP, 1997.
- PACHECO, Ana Paula. Graciliano e a desordem. In: CEVASCO, Maria Elisa; OHATA, Milton (Org.). **Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. – 93ª ed. – Rio, São Paulo: Record, 2004.
- TACCA, Oscar. **As vozes do romance**. 2ª ed. Trad.: Margarida Coutinho Gouveia. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.
- Webgrafia:*

https://www.ebiografia.com/graciliano_ramos/ - Acesso em: 08 set. 2018

<http://circuitomt.com.br/editorias/artigos/106644-um-pouco-de-vidas-secas.html> -
Acesso em: 09 set. 2018.